



# Um advogado de muitas histórias

DOM, 20 DE SETEMBRO DE 2015 00:00

A-  0  0  0

A+



Aos 73 anos, Epaminondas Nogueira relembra histórias vividas em Mogi, onde chegou em 1965 / Foto: Eisner Soares

Há meio século, o sergipano Epaminondas Murilo Vieira Nogueira chegou a Mogi das Cruzes para trabalhar na agência do antigo Instituto de Aposentadorias e Pensões dos Industriários (Iapi) e não mais deixou a Cidade. Era 1965, ano em que ele também montou seu primeiro escritório de advocacia, na Rua Barão de Jaceguai, que há 31 anos atende na Avenida Vereador Narciso Yague Guimarães, 664. A vocação foi descoberta logo na infância, admirando a profissão do avô materno, Odilon Palmeira, que atuou como advogado, promotor e procurador do Estado, em Sergipe. Inspirado nele, Epaminondas realizou o sonho da própria mãe, Esther Vieira Nogueira, que pretendia cursar Direito, mas não teve oportunidade. Assim, o filho mais velho dela e do agente fiscal do Ministério da Fazenda, Raimundo Guimarães Nogueira, formou-se na Faculdade Católica de Direito de Santos - cidade para onde a família se mudou quando Epaminondas tinha 4 anos. Foi lá que, em 1962, ele começou a trabalhar no antigo Instituto dos Marítimos (IAPM) e, dois anos depois, iniciou carreira no IAPI, passando ainda pela unidade da Capital antes de vir para Mogi. Ainda nos tempos de faculdade, começou a se especializar em Direito do Trabalho e Previdência Social e, na Capital Paulista, fez pós-graduação em Direito Social e Direito Internacional, na Universidade de São Paulo (USP). Em Mogi, atuou no INPS (hoje INSS - Instituto Nacional do Seguro Social) até 1971 e advogou por 5 anos no Serviço Social da Indústria (Sesi), paralelamente aos trabalhos no escritório que leva seu nome e também tem unidades em São Paulo e São José dos Campos. Em 2009, recebeu o título de "Advogado do Ano", na Câmara Municipal, por indicação da 17ª Subseção da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB). Na entrevista a O Diário, ele conta histórias vividas na Cidade: **(Carla Olivo)**

## Quais as lembranças de sua infância?

Nasci e vivi apenas até os 4 anos de idade em Aracaju (SE), onde meu pai trabalhava como agente fiscal do Ministério da Fazenda, na alfândega de lá. Em 1946, ele foi transferido para Santos e nos mudamos para a cidade do litoral paulista, onde nasceram meus irmãos Maria de Lourdes, hoje já falecida, mas que também era advogada, Maria Helena e Raimundo Filho, que são médicos. Tive uma infância tranquila, meu pai trabalhava e minha mãe cuidava da casa e

**NGK NTK**  
VELAS DE IGNIÇÃO CERÂMICAS TÉCNICAS  
CERÂMICA E VELAS DE IGNIÇÃO  
NGK DO BRASIL LTDA.



acesse nosso site, clique aqui

## ÚLTIMAS NOTÍCIAS

[Mogi recebe curso do Tomie Ohtake](#)  
23.09.15

[Livro traz humor sofisticado](#)  
23.09.15

[Limpeza do Rio Tietê deve começar em outubro](#)  
23.09.15

[UPA será inaugurada em outubro](#)  
23.09.15

Jornais em Movimento



dos filhos. Ele ficou na alfândega até os 70 anos. Depois, vim para São Paulo e eles continuaram em Santos, onde moraram até os últimos dias de vida.

### **Onde o senhor estudou?**

Fiz o primário no Instituto Educacional e no Grupo Escolar Municipal Olavo Bilac, de Santos. Depois fui para o Colégio Tarquínio Silva, onde estudei o primário e o Curso Científico, porque a escola não tinha o Clássico, assim como a maioria em Santos. Em seguida, fiz Direito na Faculdade Católica de Santos e me formei em 30 de dezembro de 1964, aos 23 anos.

### **Ser advogado era um sonho?**

Acho que já fui gerado advogado, porque este era o sonho da minha mãe, mas ela não teve oportunidade de realizá-lo porque naquele tempo não havia faculdades de Direito. Quando muito criança, eu também admirava o trabalho do meu avô materno, Odilon Palmeira, que morava em Simão Dias, no Interior de Sergipe, e foi advogado, promotor e procurador do Estado. Ele era casado com Noêmia Maria Palmeira, que costumávamos chamar de avó torta, porque era a segunda mulher dele.

### **O senhor trabalhou em Santos?**

Aos 20 anos, comecei a trabalhar no Instituto dos Marítimos (IAPM), mas em 1964, na época da Revolução, fui mandado embora. Fiz concurso e ingressei no IAPI (Instituto de Aposentadorias e Previdências dos Industriários) e no ano seguinte pedi transferência para a agência de São Paulo, que ficava na Avenida Nove de Julho, porque queria fazer pós-graduação em Direito Social e Direito Internacional na USP (Universidade de São Paulo). Morei no Conjunto Residencial da USP, o Crusp, com universitários vindos de todos os lugares, inclusive estrangeiros.

### **Por que a vinda para Mogi das Cruzes?**

Enquanto procurava advogar, apareceu o contrato para cuidar da parte jurídica da agência de Mogi, que eu não conhecia nem de passagem. Vivíamos uma época complicada, o presidente da República era o Castelo Branco (Humberto de Alencar Castelo Branco), o País passava por uma crise econômica pavorosa, bem pior do que a de hoje, e eu não sabia para onde ir, porque precisava fazer currículo e não tinha experiência prática. Vim para cá em agosto de 1965, para trabalhar na agência que ficava na esquina das ruas Dr. Ricardo Vilela e Padre João, onde depois funcionou a casa noturna Black Night. A situação na Cidade também não era boa e foi nesta época que a Mineração Geral do Brasil, que empregava muita gente de toda a Região e até pessoas vindas de outros Estados para trabalhar em Mogi, fechou as portas. O mesmo aconteceu com a fábrica de tecidos Mogitex, no Shangai; a Schwartzmann, que fabricava pianos, em Braz Cubas; e o Jóquei Clube, que funcionava na área hoje ocupada pela Universidade Braz Cubas, no Mogilar.

### **Onde o senhor morava?**

Até dezembro de 1966, morei no Hotel Jardim, na Ricardo Vilela, em frente ao jardim (Praça Oswaldo Cruz), onde havia pensão completa. Lembro que o dono era o Michel Namura e a localização era ótima, porque o Fórum ficava do outro lado do jardim, na Barão de Jaceguai, onde depois foi a Caixa Econômica Estadual e hoje está o Cartório; o IAPI era na quadra seguinte; e meu escritório de advocacia, que abri no ano em que cheguei aqui, também era na Barão. Ficava em Mogi durante a semana e aos sábados e domingos voltava para Santos. Em janeiro de 1967, me casei pela primeira vez e fiquei 15 anos morando em São Paulo e viajando todos os dias de trem para Mogi. Geralmente vinha no Expresso, que saía da Estação Luz com destino ao Rio de Janeiro e tinha parada em Mogi.

### **Como eram as viagens no Expresso?**

Eu, o Aristides Oshim, dono da loja Movelândia, e o Moacir Cavalcanti, que era procurador do Estado, vínhamos no vagão restaurante, tomando café e lendo jornais. O Expresso só lotava em Mogi. Na volta para São Paulo, como ele passava por aqui às 16 horas, só conseguia pegá-lo se houvesse atraso. Caso contrário, ia de subúrbio, que demorava mais. Mas mesmo assim, a viagem de trem era melhor do que de ônibus ou carro, porque ainda não havia a Rodovia Mogi-Dutra e a antiga Estrada São Paulo-Rio de Janeiro (SP-66) era péssima, além de passar por várias cidades da Zona Leste. Outra opção era pegá-la até Itaqué e seguir pela Via

Dutra, mas sem dúvida, a viagem de trem era melhor.

### **Quando o senhor voltou a morar na Cidade?**

Fiquei 15 anos em São Paulo, até que me separei e voltei a morar em Mogi. Desde 1965, já tinha o escritório na Barão de Jaceguai, que depois mudou para o prédio do Pavan, na esquina das ruas Braz Cubas e Coronel Souza Franco, e ao lado da farmácia Santa Therezinha, até que vim para o prédio da Narciso Yague (Avenida Vereador Narciso Yague Guimarães), onde estou há 31 anos. Paralelamente, continuei meu trabalho no IAPI, que em 1966 virou INPS (Instituto Nacional de Previdência Social) e hoje é INSS (Instituto Nacional do Seguro Social). Saí de lá aposentado, em 1971, aos 61 anos. Paralelamente, durante 5 anos, fui advogado do Sesi, que funcionava na Rua Coronel Souza Franco e depois foi para Braz Cubas.

### **Hoje, o senhor tem clientes que o acompanham desde o início do trabalho na Cidade?**

Grande parte dos meus primeiros clientes já era idosa e morreu, mas agora atendo os filhos e netos, ou seja, a terceira geração deles. Tem gente de Salesópolis, Biritiba Mirim, Santa Branca e todo o Vale do Paraíba, que morou ou teve negócios aqui e sempre me procura quando precisa de algo. Em 1965, comecei sozinho, mas hoje tenho uma equipe de 11 advogados, incluindo minhas filhas Carmem e Márcia, e atendemos todas as áreas do Direito, com exceção da criminal. Há 5 anos, montamos o escritório em São Paulo e, neste ano, em São José dos Campos. Recentemente, enviei correspondência a 8 mil clientes.

### **O senhor possui livros publicados?**

Em 2009, publiquei o livro 'Cadernos do Direito do Povo Brasileiro'. Além disso, elaborei o livro de bolso que encaminho a todos os clientes e amigos, com informações básicas sobre vários assuntos de interesse nas áreas de acidentes, benefícios, trabalhista, indenizações, bancos, ssguros e civil. Um parecer que fiz para o Instituto Brasileiro de Direito Previdenciário sobre execução de benefícios acidentários e previdenciários virou o Artigo 100 da Constituição Brasileira de 1988 e, por conta disso, recebi um ofício de agradecimento do então deputado federal Ulisses Guimarães, presidente da Assembleia Constituinte.

### **Ficaram saudades da Mogi das Cruzes da época em que o senhor chegou aqui?**

Na primeira vez que vim para cá, Mogi era muito sossegada e tinha cerca de 60 mil habitantes. Não precisávamos de transporte para nada, porque tudo se concentrava na região central. De um lado, a Cidade praticamente acabava nas proximidades do Cine Avenida, da família Jungers, na Voluntário Fernando Pinheiro Franco. De outro, terminava na região do Clube de Campo. Depois, era só mato, assim como Braz Cubas e Jundiapéba. Ali, quando chovia, lembro que se formava uma lâmina de água na pista que refletia as nuvens do céu. Na ponte da Cia. Suzano (hoje Suzano Papel e Celulose), que era bem estreita, havia um cartaz alertando que a estrutura tinha espaço apenas para passagem de dois carros.

### **Há mais lembranças?**

Na região do jardim, onde morei, havia o Cine Odeon, o consultório do médico Dr. Milton Cruz; o Banco Inco (Indústria e Comércio de Santa Catarina); a agência da antiga Light; a Foto 5 Minutos, da dona Elena Espanhola; a loja Movelândia, do Aristides Oshim; e o bar do Joaquim Pereira de Carvalho, já perto da estação de trem. No jardim, que tinha belas árvores, o pessoal costumava passear. Já na Dr. Deodato (Wertheimer) ficava a Cantina Mogiana, que era muito bem frequentada, assim como o Hotel e Restaurante Estância dos Reis, na Vila Oliveira, e o Piatto D'Oro, na Avenida (Voluntário Fernando Pinheiro Franco). No Mercado Municipal, eu comprava doces cristalizados de figo e abóbora, no box da dona Helena, e levava para Santos. Eles eram feitos na fábrica, que ficava na Rua Senador Dantas, perto do Placidina (Instituto Dona Placidina). No Mercado também havia excelentes açougues e uma linguiça caseira muito boa.

### **A Cidade já tinha vários advogados?**

Como ainda não havia as faculdades e era preciso sair da Cidade para se formar, Mogi tinha um grupo pequeno de advogados, formado por Milton Peixoto de Moraes, Mário Kauffmann, Jair Ferreira Prado, Dauro Paiva, Abib Neto, Bóris Grinberg, César Augusto de Sales, Darci Serafim, Jacks Grinberg, Jair Monsorens, Jair Rocha Batalha, João Afonso Neto, José Arouche de Toledo, José Limongi Sobrinho, José de Moura Santos, Lúcio de Melo, Mauricio Najar,

Rubens Nogueira Magalhães, entre outros. Eu era o caçula da turma, fui bem recepcionado por eles, logo fiz amizade e gostava muito das nossas conversas.

### O senhor imaginava que Mogi cresceria tanto?

Tudo começou a se desenvolver depois da instalação das universidades e da construção da Mogi-Dutra, quando as indústrias e o comércio passaram a crescer muito. Depois, as rodovias Mogi-Bertioga e Carvalho Pinto também ajudaram nisso. No início, a mudança chocou bastante, principalmente por causa das repúblicas de estudantes criadas na Cidade, mas depois todos se adaptaram. Regiões como César de Souza e Braz Cubas, onde só havia mato, foram se expandindo. Lembro a época em que Suzano, Poá e demais cidades da Região ainda pertenciam a Mogi. Depois, todas se emanciparam. Outra recordação é que as ligações eram feitas pela telefonista e, dependendo da distância da cidade que buscávamos, pedíamos a ligação em um dia e ela era marcada para o outro, porque havia poucas linhas. Além disso, os cheques levavam até 3 dias para serem compensados nos bancos. Tudo era mais difícil. Hoje temos toda facilidade nas mãos.

### Quais suas distrações?

Praticamente moro no trabalho e não penso em parar tão cedo. Montei um escritório em um dos quartos do apartamento em Bertioga pensando em ir para lá na quinta-feira e retornar a Mogi na segunda-feira. Fiz isso uma única vez, porque não consigo, prefiro estar aqui. Gosto tanto do que faço que tenho a sensação de não estar trabalhando e me esqueço até de me alimentar. Uma das distrações é a leitura, mas também tenho atividades no Rotary Clube Mogi das Cruzes - Leste, antigo Vila Suíssa, do qual fui presidente em 2005, e recentemente recebi uma homenagem pelos 50 anos do escritório; e sou mestre na Loja Trabalho e Justiça da Maçonaria. Do mais, torço pelo Corinthians e acho Mogi o melhor lugar do mundo, bem mais do que Nova York ou Paris, porque foi aqui que tudo deu certo para mim e me sinto em casa.

### Perfil

**Nome:** Epaminondas Murilo Vieira Nogueira

**Idade:** 73 anos

**Nascimento:** Aracaju (SE)

**Estado civil:** casado com Maria de Lourdes Lourenço Deodato

**Filhos:** Carmem Cecília e Márcia Maria (do 1º casamento) e Sérgio, Alexandre, Andréia, Pedro e Carlos Eduardo (enteados – do 2º casamento com Maria de Lourdes)

**Formação:** Direito (Faculdade Católica de Santos) e pós-graduado em Direito Social e Direito Internacional (USP)

**Trabalho:** advogado

A-  0  0  

A+



[EXPEDIENTE](#) [ASSINATURAS](#) [CLASSIFICADOS](#) [ANUNCIE](#) [FALE CONOSCO](#)

No images

TOPO